

REFLEXÕES SOBRE SOLIDARIEDADE, EDUCAÇÃO E POSTURA DE VIDA¹

Ênio Brito Pinto

*A condição humana deveria ser
o objeto essencial de todo o ensino
(Edgar Morin)*

Há algum tempo dei uma entrevista em uma rádio falando sobre globalização, religião e sexualidade. Durante a entrevista comentei diversas vezes sobre o problema da solidariedade, sobre a necessidade de que tenhamos uma postura mais solidária diante do mundo e da sociedade, sobre a urgência de que nossa educação atente para esta questão. A dada altura da entrevista, que era interativa, uma ouvinte telefonou reclamando que não aguentava mais aquela ladainha de solidariedade, de caridade, de termos que ajudar os mais pobres, e coisas do gênero que eu estava falando. Respondi a ela que eu não estava me referindo somente àquele tipo de solidariedade, embora o considerasse também importante. Minha visão sobre a solidariedade, no entanto, é bem mais ampla – argumentei com a ouvinte. Terminada a entrevista, fiquei com uma sensação de falta, com a impressão de que não fora bem compreendido, que não conseguira vencer o ranço de caridade que permeia a palavra “solidariedade” no imaginário popular de nosso tempo. Este texto deriva deste incômodo e tem a pretensão de ampliar o conceito de solidariedade para além do ato caridoso, embora não exclua e nem pretenda entendê-lo como menos importante. A caridade é apenas uma das facetas da solidariedade, um fenômeno muito mais amplo e complexo, um fenômeno que merece melhor atenção da Psicologia, da Educação e até mesmo da Religião.

Se buscarmos a etimologia da palavra *solidariedade*, vamos encontrar que ela deriva de *solidário*, o qual, por sua vez, vem de “*solidus*” (sólido) e o sufixo *ário*, “*que faz uma só causa com outrem, participando das mesmas responsabilidades*” (Bueno, 1967, p. 3801). Bueno nos

¹ publicado em HOLANDA, Adriano (org), *Psicologia, Religiosidade e Fenomenologia*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2004, p. 147 - 162

ensina também que a etimologia de *solidariedade* é diferente da de *solidão*. Parece-me interessante – para dizer o mínimo – que a base etimológica de *solidariedade* seja *sólido*.

O termo solidariedade tem dois sentidos básicos nos dias de hoje: o primeiro dá conta de que, enquanto seres humanos somos inevitavelmente solidários. É este pensamento, o da inevitabilidade da solidariedade, que permeia todo o discurso ecológico dos dias atuais e que deveria receber mais atenção dos estudiosos da religião e da religiosidade² humanas. Saibamos ou não, desejemos ou não, estamos todos os seres (e não apenas os humanos) interligados, de maneira que o que acontece com uma espécie ou um grupo (ou mesmo um indivíduo) afetará todos os outros entes. Tal raciocínio vale também para os seres não-vivos. Ou, dito de outra maneira, há uma *interdependência* entre os seres vivos e não-vivos que, de tão óbvia, passa desapercibida para a maioria das pessoas e para a maioria dos sistemas educacionais.

Dizem Assman & Sung que “*uma das razões para este tipo de cegueira é que as relações de interdependência de todos os seres vivos ou não-vivos na natureza e das pessoas na sociedade não são visíveis aos olhos*”. Além disso, e ainda sob a ótica de Assman & Sung, “*nem os nossos olhos e nem as nossas mentes foram treinados ou preparados para ver as relações de interdependência*” (2000, p.78), no que eu concordo em parte, pois me parece que ficaríamos mais próximos da realidade se disséssemos que nossas mentes e nossos olhos foram longamente treinados para não ver estas relações de interdependência.

Penso que essa preparação para não vermos mais profundamente as relações do ser humano com os outros seres se deu a partir de uma lenta dessacralização do mundo, a morada humana. Essa dessacralização encontra o seu auge na atual maneira como se dá a globalização, mas parte, segundo Mircea Eliade (1995 , p. 49), do pensamento científico e das descobertas da física e da química. Neste processo de dessacralização, transforma-se a relação do ser humano com o ambiente, na medida em que, com o conhecimento científico, as hierofanias perdem sentido, os lugares sagrados se tornam lugares profanos, o espaço se torna homogêneo e neutro, pois “*nenhuma rotura diferencia qualitativamente as diversas partes de sua massa.*” (Eliade, 1995 , p. 26) Para melhor entendermos o que se quer dizer quando se chama o espaço profano de “espaço homogêneo”, é importante notarmos que, para Eliade (1995 , p.30), “*todo espaço sagrado implica uma hierofania, uma irrupção do sagrado que tem como resultado destacar um*

² Utilizo aqui e doravante o termo *religiosidade* no seus sentidos mais corriqueiros, ou seja, “tendência para o sentimentos religiosos, para as coisas sagradas; conjunto de escrúpulos religiosos ou de valores éticos que apresentam certo teor religioso” (Houaiss, 2001, p. 2422)

território do meio cósmico que o envolve e o torna qualitativamente diferente”, heterogêneo. Ao longo da jornada da humanidade, é a irrupção do sagrado que organiza o mundo e desfaz o caos, é a irrupção do sagrado que melhor possibilita ao ser humano a noção de ser parte integrante do mundo, vale dizer, da natureza. O irrompimento do sagrado marca de maneira profunda para o ser humano a solidariedade neste seu primeiro sentido que ora estudamos.

O ser humano gradualmente afastou-se da natureza, aprendeu a não olhar para a sua íntima dependência da natureza ao mesmo tempo em que procurou pautar-se pelas questões histórico-contingentes, abdicando, de certa maneira, da busca pelo sentido da existência, ou seja, de significativa parcela da sua religiosidade. Se olharmos para a história da religiosidade humana, com facilidade perceberemos que há, principalmente em seu início, uma intensa e íntima conexão entre a religiosidade do ser humano e a natureza. Como exemplo, basta lembrarmos dos mitos de origem que trazem a idéia da criação do universo a partir de um centro, de um umbigo, o que se repete, nestes mitos, com a criação do homem, do que “*resulta que o primeiro homem foi fabricado no ‘umbigo da Terra’ (tradição mesopotâmica), no Centro do Mundo (tradição iraniana), no Paraíso situado no ‘umbigo da Terra ou em Jerusalém (tradições judaico-cristãs).*” (Eliade, 1995, p. 44) O universo, a natureza e o homem partem do mesmo centro e permanecem umbilicalmente ligados nas tradições humanas até que haja, por parte do ser humano, um soberbo afastamento.

Qualifico de soberbo esse afastamento porque entendo que ele, embora partindo de uma busca pelo conhecimento, embora partindo de um desejo de desvendamento do mundo e da existência, acabou por encontrar em nossos dias e na cultura ocidental uma nova finalidade, o desejo de domínio sobre a natureza pelo homem, um desejo que o afasta do mais profundo de sua religiosidade ao mesmo tempo em que o afasta da percepção de seu pertencimento ao mundo natural e que acaba por afastá-lo também da compreensão da solidariedade nesse seu primeiro sentido. No nível mais estritamente humano, isso significa também um afastamento do ser humano do seu próprio corpo em prol de uma postura que privilegia a mente, como veremos mais adiante quando analisarmos mais detidamente a ideologia que embasa a Educação ocidental em nossos tempos. Por ora, quero discutir o segundo sentido da palavra *solidariedade*, o qual tem estreita relação com a ética.

Entendendo a solidariedade a partir deste segundo sentido, o que de fato salientamos é que é preciso que a dimensão ética esteja presente para que se possa facilitar às pessoas a

possibilidade da empatia e da compaixão³, matrizes de uma postura solidária. Segundo Sung, é por isso que se deve enfatizar a expressão ‘sensibilidade solidária’, pois é importante “*mostrar que a solidariedade pressupõe uma epistemologia, uma forma de conhecer a realidade, que seja intrinsecamente solidária, isto é, que mostre a interdependência de todas as coisas e de todos os seres vivos*” (2000, p.80).

Se se fala de ‘uma forma de conhecer a realidade’, imediatamente se coloca uma pergunta que me parece importante: solidariedade se aprende? Três importantes pensadores – um psicólogo e dois religiosos de diferentes religiões – podem ajudar a encontrar uma resposta suficientemente abrangente para esta questão.

No mesmo tom de diversos e importantes autores contemporâneos, Eric Neumann afirma que a criança tem duas bases através das quais desenvolve sua personalidade, uma relacional e outra corporal, hereditária. Tratando do aspecto relacional, Neumann explica que “*graças a essa relação (com a mãe) a criança (o bebê) vai sendo moldada pela cultura humana, uma vez que a mãe vive imersa num coletivo cultural, cujos valores e linguagem influenciam, inconscientemente mas de modo efetivo, o desenvolvimento da criança*”. (1995, p.09) Quanto ao outro aspecto, Neumann diz que par a par com este potencial para a adaptação à cultura, o ser humano recebe como herança genética o que se chama de **automorfismo**, “*uma necessidade de formar seu próprio ser a partir de elementos particulares que o constituem, no interior da coletividade, e, se necessário, independentemente dela ou em oposição a ela*” (1995, p.10).

Por sua vez, o Dalai Lama chama a atenção para o fato de que todos nós temos uma “*capacidade de empatia recíproca*”, que em tibetano é chamada de *shen dug ngal wa la mi sö pa*, cuja tradução literal seria “*a incapacidade de suportar a visão do sofrimento do outro*”. Continua o Dalai Lama:

...admitindo-se que é isso que nos permite compreender e, até certo ponto, participar da dor dos outros, podemos afirmar que essa é uma das nossas características mais significativas. É o que provoca o sobressalto quando ouvimos um grito de socorro, é o que nos faz recuar instintivamente ao ver alguém ser maltratado, o que nos faz sofrer ao presenciar o sofrimento dos outros. E o que nos faz fechar os olhos quando queremos ignorar a desgraça alheia.” (2000, p.76)

Por seu turno, a posição de Assman quanto a este aspecto é diferente da posição do Dalai Lama. Assman é mais cauteloso quanto ao potencial humano para a solidariedade:

³ É importante frisar-se que compaixão é diferente de pena, pois ao sentirmos pena de uma pessoa estamos vitimizand-a, o que certamente não a ajuda em seu desenvolvimento.

...os seres humanos não são ‘naturalmente’ tão solidários quanto parecem supor nossos sonhos de uma sociedade justa e fraternal. Por isso não convém colocar num segundo plano, ou no rol dos pressupostos tácitos, o complicado problema da educação – melhor dito: da conversão! - , individual e coletiva, imprescindível para que existam predisposições para uma solidariedade efetiva, já que esta não conta com ‘instintos naturais’ adequados.” (1998, p. 20)

O que posso depreender destas afirmações de Neumann, do Dalai Lama e de Hugo Assman é que ao nascer o ser humano traz potenciais que se desenvolverão, ou não, dependendo da ação e da influência da cultura na formação de sua personalidade. Esta influência da cultura se dará principalmente através dos processos educacionais aos quais estará sujeitada esta pessoa durante toda a sua vida, processos educacionais que, por sua vez, podem influenciar as pessoas no sentido da sensibilidade solidária. Esses processos educacionais aos quais me refiro não são somente aqueles executados nas escolas, mas também – e até principalmente – aqueles que são efetivados na família e nos demais ambientes sociais que as pessoas freqüentam, inclusive e de maneira importante as organizações religiosas.

É importante salientar desde já que quando falo em solidariedade tenho como pressuposto a necessidade de uma coesão social que possibilite um certo grau de acolhimento a cada pessoa que habita o mundo em cada momento. Sabe-se que sem um mínimo de acolhimento social, dado geralmente pela família mas não só por ela, o ser humano tem reduzidíssimas chances de sobrevivência. O que defendo aqui é que este acolhimento mínimo não é o bastante e que podemos alcançar, enquanto sociedade, um acolhimento maior e melhor para as pessoas e para o nosso próprio planeta há muito tempo ameaçado por posturas não-ecológicas e depredadoras. A sensibilidade solidária é uma das ferramentas de que podemos dispor para conseguir ampliar e tornar mais significativo esse tipo de acolhimento ao qual me refiro.

Quando falo de sensibilidade solidária estou pensando na valorização do conhecimento sensível e emocional, ou seja, aquele conhecimento que abarca a totalidade do ser e não apenas seu aspecto racional/intelectual. O conhecimento que facilita a sensibilidade solidária é o que parte de todo o corpo como aprendente e relativiza a aprendizagem apenas intelectual tão a gosto de nossa cultura com suas teorias racionais. Nos nossos processos educacionais precisamos , ao lado dessa altamente desejável postura de ênfase na aprendizagem pela pessoa inteira, valorizar a sensibilidade no seu sentido mais humano, qual seja, nossa capacidade de sermos empáticos e de sentirmos compaixão, de nos deixarmos perceber, reconhecer e confirmar as vidas, os sofrimentos e alegrias, esperanças e desejos dos outros entes. É também a possibilidade de estarmos atentos às necessidades das outras pessoas.

Para Assman & Sung,

...a sensibilidade solidária é uma forma de conhecer o mundo que nasce do encontro e do reconhecimento da dignidade humana dos que estão ‘dentro-e-fora’ do sistema social; um conhecimento marcado pela afetividade, empatia e compaixão (sentir na sua pele a dor do/a outro/a). Por isso mesmo, é um conhecimento e uma sensibilidade que estão comprometidos, que vivem a relação de interdependência e mútuo reconhecimento de um modo existencial, visceral, e não somente intelectual.” (2000, p.134)

De certa maneira pioneiros na abordagem desse tema tão importante para o século XXI, Assman & Sung trabalham em seu instigante livro sobre a educação para a sensibilidade solidária principalmente o conceito de solidariedade para com os excluídos socialmente, o que me parece uma abordagem otimista: penso que, a não ser em pequenos grupos muito próximos, geralmente ligados por parentesco, ainda há muito a se desenvolver de sensibilidade solidária mesmo entre os incluídos no atual sistema social e econômico para que, aí sim, possamos ter um melhor território para fazer evoluir a sensibilidade solidária para com os excluídos de uma maneira não apenas pontual como acontece hoje, quando só nos lembramos dos excluídos em situações de emergência como grandes catástrofes naturais ou sociais.

Historicamente, a solidariedade e a compaixão têm sido muito mais assunto das religiões que da educação, tornando-se, na verdade, quase que um assunto pertinente apenas à religião, como, aliás, a maioria dos aspectos que dizem respeito à humanização do ser humano. Com o processo de dessacralização já tão característico do Ocidente, alguns temas antes afetos apenas à religião vêm alcançando também eco na ciência, como nos lembra José Geraldo Paiva, quando, comentando sobre Vergote e suas idéias sobre a religião, afirma que “*a religião tem uma dimensão subjetiva de apropriação do simbólico, objeto da psicologia, uma dimensão institucional de inserção na sociedade, objeto da sociologia, e uma dimensão cultural, objeto da antropologia*” (Paiva, 2000, p. 39).

Desta maneira e, de certa forma, independentemente do processo de dessacralização, talvez uma das melhores contribuições que a religião possa dar para os desafios da educação no século XXI seja a possibilidade de se tratar a solidariedade como valor importante nas relações humanas. Estamos tratando aqui de ética, a qual, segundo Morin,

não pode ser ensinada por meio de lições de moral. Deve formar-se nas mentes com base na consciência de que o humano é, ao mesmo tempo, indivíduo, parte da sociedade, parte da espécie. Carregamos em nós esta tripla realidade. **Desse modo, todo desenvolvimento verdadeiramente humano deve compreender o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e da consciência de pertencer à espécie**” (2000, p. 17) (Grifos meus).

Penso que essa consciência da condição humana só poderá ser verdadeiramente formada se vinculada ao cotidiano das pessoas, ao dia-a-dia das pequenas atitudes e posturas, ao concreto da existência de cada pessoa em sua casa, em sua cidade, em seu país, no mundo. A sensibilidade solidária se fundamenta e se desenvolve somente se atrelada aos pequenos gestos cotidianos, pois, caso contrário, a solidariedade nunca deixará de ser algo especial para se fazer em momentos especiais. Nesse sentido, o que desejo é levantar a hipótese de que podemos (e devemos) banalizar a solidariedade, torná-la algo comum e corriqueiro em nossas vidas. Isso só poderá ser alcançado se iniciado pelos mais próximos, se voltado a princípio para aqueles que nos são iguais socialmente ou próximos afetivamente.

Não é verdade que a solidariedade para com os mais próximos afetiva ou socialmente seja inevitável ou suficientemente existente, a não ser em momentos extremos. Momentos extremos, entretanto, não são parte do cotidiano e são raros o bastante para que possamos (e devamos) olhar com mais atenção para a possibilidade da solidariedade nos outros momentos, aqueles do dia-a-dia, aqueles momentos em que até parece que a solidariedade não tem cabimento. Exemplos de momentos assim não faltam ao nosso cotidiano, desde aqueles mais clássicos, como a possibilidade de se ceder um lugar aos idosos e/ou aos deficientes físicos ou às mulheres grávidas nos ônibus e trens, até aqueles momentos mais banais, quando, por exemplo, ao estacionarmos um carro em uma rua, ocupamos espaço suficiente para dois carros, impedindo assim que outra pessoa também estacione seu automóvel.

Um dos campos em que parece haver uma exceção a esta postura de falta de solidariedade com os mais próximos é o campo das religiões, de maneira que muito possivelmente há aí algo que se pode aprender sobre este tema. Uma das funções da religião é proporcionar às pessoas o sentimento de pertença, um sentimento fundamental na identidade de cada pessoa. Pertença a um grupo, pertença a uma sociedade, pertença ao mundo, pertença ao (ou, ao menos, proximidade com o) sagrado. O termo “irmãos”, de certa forma universal nas religiões, dá a exata dimensão desta pertença. Aos irmãos, ensinam as religiões, deve-se solidariedade, se possível especial solidariedade. As religiões são – ou ao menos pretendem ser – comunidades⁴.

No discurso explícito das religiões há comumente uma chamada de atenção para a necessidade de caridade e de uma certa doação para os menos afortunados, uma exortação para que aqueles que têm dividam com os que não têm. As religiões utilizam, no entanto, também um

⁴ Com esta afirmação não estou negando ou deixando de dar importância aos venenosos jogos de poder no interior de cada religião, tampouco estou sendo ingênuo diante dos tantos grilhões que se puseram e ainda se põem nas pessoas em função de uma certa coesão entre os fiéis. Estou apenas e tão somente iluminando com maior ênfase a outra faceta da coesão no interior da religião.

discurso implícito, o qual, este sim, traz uma mensagem de solidariedade entre os iguais. Quem, como eu, cresceu em uma pequena cidade do interior de Minas Gerais sabe bem do que estou falando. Nestes casos, não se fala em caridade, e até mesmo a palavra “solidariedade” é pouco usada, mas não tenho dúvidas de que o sentimento subjacente a ela está presente no discurso implícito que possibilitava, nos tempos da minha avó, a realização periódica das festas em prol da Santa Casa da cidade, no adro da igreja matriz, bem como dos regulares leilões de deliciosas prendas dos quais me lembro até hoje. As senhoras se esmeravam nos pratos e arranjos pelo puro gosto de se sentirem presentes e colaboradoras. Mas as cidades cresceram, as pessoas se dispersaram, o efeito aglutinador das religiões de certa maneira se pulverizou, de modo que a solidariedade pede o acréscimo de parcerias diferentes.

Hoje em dia é relativamente fácil perceber que, principalmente nas grandes cidades, não se tem a necessária atenção a esse tipo mais, digamos assim, banal de solidariedade, o ceder o acento na condução, o cuidar de estar mais atento ao próximo em momentos de não-emergência. Mais até do que isso: não se percebe em nossa cultura, quer seja nas escolas, quer seja nas famílias, uma educação preocupada com esse tipo de postura diante da vida: somos educados e educamos principalmente para a competição e para o raciocínio, quase nada para a solidariedade e o sentimento, como afirmam Assman & Sung:

a educação é concebida fundamentalmente como instrução, isto é, como formação de profissionais capazes de dominar o conhecimento e as técnicas necessárias para um funcionamento eficaz das partes do todo que lhes cabem. Educação como um reordenamento que faz emergir um relacionamento com o todo, com a realidade da interdependência, não tem lugar.” (2000, p. 82)

Uma educação que se preocupasse mais com a questão da interdependência, uma educação que se preocupasse mais com os sentimentos poderia ter lugar em nossa cultura? Creio que sim, e são inúmeros os exemplos de tentativas nesse sentido.

A Gestalt-pedagogia traz um pressuposto básico que me parece perfeitamente pertinente à nossa discussão, que é o de que a atividade pedagógica objetiva “*possibilitar ao indivíduo um desenvolvimento mais completo de suas possibilidades, através do fornecimento de situações de pertinência, sensação de dignidade e, daí, coragem e autoconfiança*” (Cesarino, no prefácio de Burow & Scherpp, 1985, p.11). Neste sentido, é fundamental prestar-se atenção aos aspectos emocionais da aprendizagem, pois “*as emoções são inseparáveis de nossa idéia de recompensa ou punição, prazer ou dor, aproximação ou afastamento, vantagem ou desvantagem pessoal. Inevitavelmente, as emoções são inseparáveis das idéias de bem e de mal*” (Damásio, 2000, p. 80). Mais do que isso, as emoções são essenciais na conquista da coragem e da autoconfiança, as

quais, por sua vez, são imprescindíveis para que se desenvolvam a criatividade e a ternura, ingredientes básicos de um sensibilidade solidária fértil.

O caminho para a conquista de uma educação que dê a necessária atenção às emoções tem, além de uma ênfase nos aspectos prazerosos da aprendizagem, mais duas vertentes fundamentais:

- ao invés de superênfatização do cognitivo, integração considerando os aspectos emocionais e sociais do ensino;

- estímulo ao aprendizado físico - a mente só funciona no corpo e através dele” (Burow & Scherpp, 1985, p. 65).

O corpo é a base para a identidade, pois é a partir do corpo que começamos a perceber a noção de eu, e é através do corpo que continuamos este processo pela vida afora. Percebemos o mundo através do corpo, exploramos o mundo através do corpo, damos-nos conta de quem somos e do que queremos através do contato com o corpo, somente existimos corporalmente. O corpo é a base do prazer, pois todo prazer é corporal. Não há como sentirmos prazer se não temos um bom contato com nosso corpo. O prazer traz liberdade, criatividade, consciência, assertividade, excitação; o prazer possibilita o contato com a ternura, essa emoção tão essencial ao desenvolvimento da sensibilidade solidária.

Parece-me que a questão da ternura é um dos desafios mais importantes que se apresentam à educação nos nossos dias em nossa cultura. Para Rogers, *“o paradigma da cultura ocidental é de que a essência das pessoas é perigosa. Assim, elas precisam ser ensinadas, guiadas e controladas por aquelas que são investidas de uma autoridade superior”* (1983, p. 65). Uma educação voltada para o desenvolvimento mais integrado do ser humano e para a ternura traz a possibilidade de um novo paradigma, qual seja, o de que *“dado um clima psicológico adequado, o ser humano é digno de confiança, criativo, automotivado, poderoso e construtivo – capaz de realizar potencialidades jamais sonhadas”* (Rogers, 1983, p. 66). Nesse sentido parece concordar Restrepo, quando afirma que *“a cultura ocidental impõe ao nosso corpo uma relação bastante funcional, produtiva e automatizada, onde (sic) os laços afetivos com o ambiente passam em grande parte despercebidos”* (1998, p.27). Para Restrepo, a educação para a ternura inverteria essa ideologia ocidental pois:

- quem se aninha na ternura é assaltado e derrotado, de saída, fraturado pela pluralidade e tensionado pela diferença. A unidade do eu se rompe como um espelho que se converte em prisma e a carcaça da identidade cede, fendida sob a pressão de forças que, do interior do indivíduo, tentam entender o estranho, o diferente, o outro.” (1998, p. 24)

Tentar entender o diverso, tentar entender o outro, é combustível para acender a chama da compaixão, farol da solidariedade. Esta possibilidade do incremento da compaixão e da empatia a partir de um contato mais íntegro com o outro é exemplar e poeticamente descrita por Madalena Freire em um poema no qual, depois de enfatizar as diferenças entre as pessoas e a maneira como a percepção desta diferença possibilita um melhor autoconhecimento, e depois de enfatizar como o espelhamento de uma pessoa em outra, em suas qualidades e defeitos, possibilita melhores encontros intra e interpessoais, conclui que:

Eu sou mais eu, quando consigo
Lhe ver, porque você me reflete
No que ainda sou
No que já sou e
No que quero vir a ser...
Eu não sou você
Você não é eu
Mas somos um grupo, enquanto
somos capazes de, diferenciadamente,
eu ser eu, vivendo com você e
você ser você, vivendo comigo.” (Freire, em Grossi & Pillar, 1992, p.59-60)

É interessante notarmos que esse poema da educadora trata de pessoas próximas, pois é com as pessoas mais próximas, para elas e através delas que a solidariedade pode se manifestar. Solidariedade é movimento de aproximação, é possibilidade de trazer o outro para próximo de mim, mantendo-me diferenciado dele. Solidariedade é mais facilmente despertada pelo outro concreta e ideologicamente mais próximo, mas mesmo a solidariedade para com o mais próximo requer educação, requer que se desperte a sensibilidade. Uma vez despertada essa sensibilidade solidária para com o mais próximo, mais fácil será transformar o mais distante em também próximo, no mínimo próximo em condição humana. Isso é decisivo na postura diante da vida.

Quando trato de postura de vida, o que quero salientar são as atitudes diante da vida e do viver. Em outros termos e ainda, o assunto é a ética. Parece-me interessante voltarmos a falar desse assunto lembrando algo que a ética não é, para que fique mais claro ainda do que falamos quando associamos ética à postura de vida:

a ética não é um sistema ideal nobre na teoria mas inútil na prática. O inverso está mais perto da verdade: um juízo ético que seja mau na prática sofre necessariamente de um defeito teórico, porque a finalidade do juízo ético é orientar a prática” (Singer, 1999, p. 12).

Leonardo Boff nos ensina que:

ethos – ética, em grego – designa a morada humana. (...) A ética, como morada humana, não é algo pronto e construído de uma só vez. O ser humano está sempre tornando habitável a casa que construiu para si. (...) na ética há o permanente e o mutável. O permanente é a necessidade do ser humano de ter uma moradia. (...) O mutável é o estilo desta moradia.” (1997, p. 90-91)

Para Boff (1997, p. 91), “moral”, do latim *mos, mores*, designa os costumes e as tradições e “*representa um conjunto de atos, repetidos, tradicionais, consagrados*”. A ética “*desinstala a moral*” e “*corporifica um conjunto de atitudes que vão além dos atos da moral*” (Boff, 1997, p. 94).

Podemos depreender daí que a ética é revolucionária. E é exatamente de uma revolução ética que necessitamos nos dias de hoje, dias de globalização “*perversa, fundada na tirania da informação e do dinheiro*” (Santos, 2000, p.15), embasada em uma enorme falta de solidariedade entre os países e as pessoas, sustentada por uma ideologia para a qual a solidariedade nada mais é do que uma bela palavra que só tem lugar nos dicionários.

De fato, o que observamos no mundo hoje é uma exclusão social de tal monta que seria inimaginável há algumas décadas. Isso porque a busca de competitividade e de aumento de produtividade deixou de ser um meio para a globalização para se tornar um fim em si mesmo. Para Milton Santos, a competitividade substituiu no mundo atual a competição. Ele as diferencia dizendo que a competição está sujeita a regras morais, o que não acontece com a atual competitividade, movida apenas pelo lucro imediato. Desta maneira,

a globalização se realiza, mas não a serviço da humanidade e mata a noção de solidariedade, devolve o homem à condição primitiva do cada um por si e, como se voltássemos a ser animais da selva, reduz as noções de moralidade pública e particular a um quase nada” (Santos, 2000, p. 65).

Não restam dúvidas de que necessitamos urgentemente de uma revolução ética, de uma mudança na postura de vida das pessoas. Penso que essa mudança necessária tem como um dos instrumentos um incremento da empatia, pois, “*quanto mais acentuarmos essa capacidade de empatia, menor será a nossa tolerância para com a visão da dor alheia e maior o nosso empenho em garantir que nenhuma de nossas ações prejudique quem quer que seja*” (Dalai Lama, 2000, p.86).

Não se trata, ao se incentivar a capacidade de empatia, bem como das emoções de uma forma geral, de abandonar o uso da razão, pois,

como todos sabemos, podemos não só refrear nossos sentimentos por meio da razão, em maior ou menor escala, como podemos intensificá-los da mesma forma. (...) Se direcionarmos nossas faculdades mentais para nossos sentimentos de empatia, não só os aumentamos como os transformamos em amor e compaixão.” (Dalai Lama, 2000, p.86)

O que podemos observar em nossos dias é um direcionamento das faculdades mentais das pessoas para o materialismo, para o consumo, para o imediato, para o concreto, para o hedonismo, para a solidão, para o narcisismo. Ou, como afirmou De Tocqueville sobre a sociedade americana e que pode ser generalizado para o atual mundo globalizado,

...nos Estados Unidos ... vi os homens mais livres e cultos, nas melhores condições que o mundo pode oferecer; mas a mim parecia que havia uma nuvem constantemente grudada na expressão deles; pareciam sérios e quase tristes em seu prazer ... porque nunca param de pensar nas coisas boas que não conseguiram obter.” (De Tocqueville, citado por May, 1992, p. 87)

A postura mais comum das pessoas de hoje se baseia principalmente numa certa insatisfação, fruto de uma cobiça que nunca pode ser saciada, pois a nós humanos é impossível não desejar, *“e o desejo pelo que é finito nunca é de fato satisfeito”* (Dalai Lama, 2000, p.181).

Penso que um dos mais importantes dilemas do ser humano atual, uma questão que interessa sobremaneira à educação – e entendendo aqui educação no seu sentido mais amplo, o qual inclui a escola, a família, a religião, o dia-a-dia social –, é o dilema relacionado à escolha dos objetos de desejo. A mantermos a situação de hoje, baseada na crença de que a ciência tudo pode e na crença de que o futuro promissor é aquele do consumo de bens materiais sempre renovado e infinito, teremos uma sempre renovada e infinita insatisfação e poucas possibilidades de incremento de uma postura solidária e sensível diante das pessoas e do mundo. Há que se buscar alternativas para essa postura diante da vida. Nesse sentido, uma das mais criativas alternativas para se lidar com a imperiosidade do desejo encontrei em um paradoxo proposto pelo Dalai Lama:

...se o que o indivíduo procura é por natureza infinito, como a qualidade da tolerância, a satisfação passa a ser irrelevante: quanto mais estimulamos nossa capacidade para a tolerância, mais tolerantes nos tornamos. No que se refere a qualidades espirituais, a satisfação não é necessária, pois é desejável que estejamos sempre em busca de crescimento” (Dalai Lama, 2000, p. 180).

Ao fazer esta reflexão e esta sugestão, o Dalai Lama está tocando naquilo que é fundamento de toda atividade educacional e que geralmente passa despercebido: os valores que a orientam. Qualquer que seja a abordagem educacional, ela tem valores e defende e passa aos aprendentes esses valores, ainda que na maioria das vezes de forma sutil, subliminar. Nesse sentido é eloqüente a história que me foi contada por um paciente de 14 anos, estudante da oitava série de um tradicional colégio de São Paulo. Contou-me ele que a cantina de sua escola majorou seus preços em aproximadamente cinquenta por cento, causando revolta nele e em alguns colegas, que resolveram propor aos outros estudantes um boicote à cantina; mal começaram a transformar intenção em atitude, foram chamados pela diretora do colégio que os condenou e

proibiu qualquer manifestação, argumentando que se eles não estivessem satisfeitos bastava não comprarem nada na cantina, sendo desnecessário qualquer movimento que envolvesse os outros colegas da escola. É fácil perceber que os valores que guiam essa intervenção da diretora da escola são aqueles ditos ‘do mercado’, com ênfase na ação solitária e no desencorajamento/proibição de ações solidárias. Este é um exemplo típico da educação tradicional, semelhante a inúmeros outros que podemos encontrar com facilidade em nossas escolas, ao menos naquelas (a grande maioria, ainda) menos engajadas na questão da educação que busca integrar corpo e mente em busca da aprendizagem pela pessoa inteira, uma aprendizagem cujas características são clara e sucintamente descritas por Carl Rogers: “*contém muitos elementos cognitivos – o intelecto está funcionando a plena velocidade. Certamente possui elementos de sentimento – curiosidade, vibração, paixão. Encerra elementos vivenciais - prudência, autodisciplina, emoção da descoberta*” (Rogers & Rosenberg, 1977, p. 145).

Uma consequência altamente provável desse tipo de educação de que fala Carl Rogers seria uma maior disponibilidade de cada aprendente para a sensibilidade solidária. A influência deste tipo de educação para a postura de nossa sociedade diante da vida e dos fatos da vida a mim me parece enormemente encorajadora e fonte de esperanças. Esperanças que, a continuarmos com a atual atitude materialista/consumidora, tendem a minguar até a angústia que nos arrebatava a cada leitura diária do jornal.

Que a esperança lançada por aqueles educadores que enfatizam a importância da aprendizagem não apenas racional nos permita, enquanto educadores e cidadãos, possibilitar aos aprendentes e aos companheiros de jornada o contato e o incremento das qualidades espirituais, sem, é óbvio, desprezar as qualidades racionais, pois é do amálgama dessas qualidades tão diferentes e complementares que poderemos construir um todo que seja diferente de suas partes, um todo que seja sólido e solidário. Que na reconstrução da morada humana, função da ética, possamos colocar algo sólido como fundação: a solidariedade.

Referências Bibliográficas

ASSMAN, Hugo. *Reencantar a Educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

ASSMAN, Hugo & SUNG, Jung Mo. *Competência e Sensibilidade Solidária – Educar para a Esperança*. Petrópolis, Vozes, 2000.

BOFF, Leonardo. *A Águia e a Galinha – Uma metáfora da condição humana*. Petrópolis, RJ: 1997.

- BUENO, Silveira. *Grande Dicionário Etimológico Prosódico da Língua Portuguesa*. São Paulo, Edição Saraiva, 1967.
- BUROW, Olaf-axel & SCHERPP, Karlheinz. *Gestalt-pedagogia – um caminho para a escola e a educação*. São Paulo: Summus, 1985.
- DALAI LAMA. *Uma ética para o novo milênio*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- DAMÁSIO, Antonio. *O mistério da consciência*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.
- ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1995
- GROSSI, Esther Pillar e BORDIN, Jussara (Org.). *Paixão de Aprender*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001
- MAY, Rollo. *A Procura do Mito*. São Paulo: Manole, 1992.
- MORIN, Edgar. *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.
- NEUMANN, Erich. *A Criança - Estrutura e Dinâmica da Personalidade em Desenvolvimento desde o Início da sua Formação*. São Paulo, Cultrix, 1995.
- PAIVA, Geraldo José de. *A Religião dos Cientistas – Uma Leitura Psicológica*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- RESTREPO, Luis Carlos. *O direito à ternura*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- ROGERS, Carl Ransom & ROSENBERG, Raquel. *A Pessoa Como Centro*. São Paulo: EPU, 1977.
- ROGERS, Carl Ransom. *Um jeito de ser*. São Paulo: EPU, 1983.
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização*, Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SINGER, Peter. *Ética Prática*. São Paulo: Gradiva, 1999.
- SUNG, Jung Mo. entrevista ao site *psicopedagogia.com.br*, 2000.